

**INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO  
BELO HORIZONTE - MG  
INSTITUTO DOM BOSCO  
CAMPOS - RJ**



**PADRE RALFY MENDES DE OLIVEIRA**

★ - Campos dos Goytacazes 1917  
† - Campos dos Goytacazes 2008

*Campos, 30 de setembro de 2008*

*Caríssimas irmãos em Dom Bosco,*

*Com um pouco de atraso,  
apresento a memória de Pe. Ralfy  
Mendes de Oliveira, como ação de  
graças a Deus pelo Dom de sua vida  
e pelo exemplo de dedicação que foi,  
a serviço do Reino de Deus.*

*Agradeço aos irmãos que, com  
generosidade, me ajudaram a relatar  
a trajetórias de vida do Pe. Ralfy.*

Ab assuetis non fit passio é um dito da sabedoria antiga que pode ser traduzido assim: *quando nos acostumamos com as coisas elas não nos impressionam mais*. Com as coisas e com as pessoas também. Passamos uma vida inteira convivendo com verdadeiros gênios, santos e nem nos damos conta. Na vida consagrada isto se torna mais patente ainda, dado que a vida em comunidade apresenta uma variação de pessoas, de lugares e situações bem mais amplas do que a vida profissional e mesmo matrimonial. Foi isto que aconteceu com o PADRE RALFY MENDES DE OLIVEIRA, reconhecido nacional e mundialmente como apóstolo da catequese. São, porém, poucos os salesianos do Brasil, e mesmo da Inspetoria São João Bosco, que conhecem e reconhecem sua fama, sua preparação intelectual, as obras que escreveu e os encargos missionários que recebeu em nome da reflexão catequética. Como certas virtudes e qualidades vêm à tona só após a morte, continuamos a desconhecê-las nos vivos. Ab assuetis non fit passio.

P. Ralfy Mendes de Oliveira Nasceu em Campos, RJ, no dia 11 de julho de 1917, filho de Antônio Pereira Mendes de Oliveira e Florisbela Passos de Oliveira. O pai faleceu em 1918. Iniciou os seus estudos acadêmicos em Campos. Permaneceu aí por três anos. Foi para a cidade de Comendador Venâncio, Município de Itaperuna, RJ. Estudou em uma escola onde a diretora era sua irmã, Cecy Mendes de Oliveira Santos. Retornou depois à cidade de Campos para cursar o Ensino Secundário no Instituto Comercial de Campos, onde aos 17 anos concluiu o curso de contador. Assim pode trabalhar no cartório da cidade e por dois anos em um escritório de engenharia. Assim, morou em Campos até 1927 e de 1930 a 1934, também em Lage do Muriaé de 1927 a 1930.

Depois de concluir o curso de contador, foi residir no Rio de Janeiro e depois em Niterói. Trabalhou em um escritório de engenharia , no centro da antiga capital federal, ao lado da igreja da Candelária. Residindo em Niterói, conheceu os salesianos do colégio onde então era diretor o Pe. Orlando Chaves. Ao despertar, após esse contato com os salesianos a sua vocação, entrou para o Colégio Salesiano Santa Rosa. Foi crismado em 24 de maio de 1937. Foi então encaminhado pelos salesianos do Santa Rosa para

Lavrínhas, Estado de S. Paulo, onde aos 19 anos se preparou para ingressar no noviciado.

Em seguida foi direto para o Ipiranga, em São Paulo, onde fez o noviciado em 1940. Primeira Profissão, em 31 de janeiro de 1941. Estudou filosofia em Lorena de 1941 a 1943. Passou seu tirocínio prático em São João Del Rei, à sombra da santidade do Padre Francisco Gonçalves, cuja biografia escrevera mais tarde. A sua profissão perpétua foi celebrada em 10 de janeiro de 1947. Partiu logo para a Lapa, onde ficou de 1947 a 1950, fazendo o curso de teologia. Foram seus diretores o Padre João de Resende Costa e o P. Antônio Barbosa, ambos ordenados bispos posteriormente. No segundo ano de teologia cursou catequética, passando com nota máxima. Ordenado em 8 de dezembro de 1950, foi destinado a São João Del Rei como orientador de disciplina e estudos, era professor de filosofia, de literatura portuguesa e de música para os seminaristas salesianos. Fez pós-graduação em Pedagogia em Turim, Itália de 1951 a 1955. Voltando da Itália, vai para a Faculdade Dom Bosco de São João Del Rei como professor e encarregado dos ex-alunos nos anos 1955-1957. No ano seguintes, 1958, trabalhou em Niterói, onde tudo começou, como professor e coordenador de formação religiosa para os alunos do colégio Santa Rosa. Em 1959 está em Barbacena, no noviciado salesiano, como professor e encarregado dos cooperadores, onde fica até 1963. De Barbacena vai para Belo Horizonte, onde é Delegado dos cooperadores, ex-alunos e Apostolados Sociais até 1966. De 1967 a 1969 vai para o Rio de Janeiro, sempre empenhado com cooperadores e ex-alunos. Também no Rio de Janeiro desempenhou a tarefa de redator chefe da Revista.

Nosso Século, dos salesianos. Nos anos 1968-1970 – 1972, foi redator do Boletim Salesiano e professor de Teologia Pastoral, Liturgia e Catequética no Instituto Teológico Pio XI em S. Paulo, bem como professor de Antropologia Filosófica na Faculdade Salesiana de Lorena, também professor de Liturgia no noviciado das Irmãs Salesianas. Em 1970 o vemos no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo. Em 1973, pertencendo à comunidade do Riachuelo, foi Assessor Nacional de Catequese da CNBB, por sete anos. Nesse tempo acumulou também a pasta de Conselheiro

Estadual de Educação no Estado do Rio de Janeiro. Em outubro de 1977 participou do V Sínodo dos Bispos como Assessor, no Vaticano. Neste mesmo ano fundou a *Revista de Catequese*. Em 1980 publicou o livro *O Movimento Catequético no Brasil*. Na década de 80 foi editor catequético da Editora Salesiana Dom Bosco de São Paulo, até 1984. De 1984 a 1989 – esteve em Niterói como Delegado dos Ex-alunos, onde ficou até 1989. De 1988 a 1993 foi membro do Conselho Internacional para a Catequese, da Sagrada Congregação para os Clérigos. Foi o primeiro professor de catequética em linha mais sistêmica. De 1990 a 1999 é transferido para Barbacena, Instituto Tenente Ferreira e Centro de Documentação de onde continua seus contactos com a CNBB e a Editora Salesiana da Mooca. Seus últimos nove anos de vida, ele os passou em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. Dali partiu para contemplar o rosto da Mãe de Deus, conforme canta em seu *Bem-te-vi*.

Participou do GRECAT – (Grupo de Reflexão Catequética) – e do Conselho Internacional para a catequese, como membro desse órgãos. E finalmente, em 1999, é transferido para o Instituto D. Bosco em Campos dos Goytacazes; é o filho que a pátria volta, onde tudo se iniciou e onde tudo vai se encerrar. Em Campos Pe. Ralfy foi capelão do Centro Educacional Maria Auxiliadora até os últimos momentos de sua vida. Lá foi também o Delegado Local dos Cooperadores Salesianos e da Voluntárias de D. Bosco. Dessa cidade, também continuou fazendo parte da equipe de redação do Boletim Salesiano.

Pe. Ralfy foi um homem das letras e o foi até o fim; partiu para a casa do Pai sem concluir o seu último trabalho de escritor cujo título seria: “*Os amigos de Dom Bosco*”. Obra, em cuja redação, a vida não lhe permitiu colocar o ponto final.

## O CATEQUETA

A grande paixão do Padre Ralfy foi a catequética. A serviço dela ele dedicou sua inteira vida. Mais do que formar cristãos através do catecismo, ele foi um grande formador de catequistas.

Para tanto serviu-se de toda sua capacidade literária e musical. Por ocasião de seu falecimento, o Padre Luís Alves de Lima, salesiano da Inspetoria de São Paulo, escreveu três belas páginas sobre o significado do Padre Ralfy para a catequese nacional e latino-americana.

### Pe. RALFY MENDES DE OLIVEIRA, CATEQUETA SALESIANO

Conheci o Pe. Ralfy quando cursava filosofia em Lorena (1962). Impressionou-me, como também a meus colegas, a figura daquele padre salesiano já maduro, e dedicado à arte da música. Suas canções simples, populares, modernas e bonitas faziam muito sucesso. Ele tocava maravilhosamente (para nós jovens) o acordeón, e ao mesmo tempo cantava suas músicas. Um de meus colegas perguntou-lhe por que não compunha músicas para a Igreja (músicas sacras), mas somente “profanas” ou, como se dizia então “recreativas”. Ele respondeu dizendo que muitos já se dedicavam à composição de músicas litúrgicas ou devocionais e por isso ele preferia educar através da música recreativa, ou compor cantos de animação para os encontros de pastorais, principalmente para a catequese. Fiquei muito contente sabendo que por ocasião de seus 80 anos, ou outra data comemorativa, a Inspetoria de BH presenteou-o com o lançamento de um CD com todas suas belas composições, muito bem gravadas. Ele chegou a enviar-me um exemplar que guardo com muito carinho!

Mais tarde, vim a conhecer o Pe. Ralfy como estudante de teologia. Ele, juntamente com o então Pe. Walter Bini, lecionava “catequética” no Instituto Pio XI, disciplina que essa nossa Faculdade de Teologia sempre manteve e ainda mantém em seu currículo. Foi meu primeiro encontro com o Pe. Ralfy catequeta. E também foi nessa época que, através dele e por sua sugestão, os superiores depois me encaminharam para Roma a fim de me especializar nessa área na qual atuei ao lado dele e ainda hoje atuo. Sou muito grato ao Pe. Ralfy por isso.

Meus contatos com ele, posteriormente, foram através da CNBB. Ele era, então, no final dos anos 70, assessor da CNBB

para a catequese, ocupando o cargo de coordenador nacional, vivendo e trabalhando em Brasília. Foram os anos difíceis, mas ao mesmo tempo gloriosos de nossa Igreja no Brasil, de grande renovação e vitalidade. De um lado, a ditadura militar que trazia sérios problemas à atuação pastoral da Igreja, e por outro o eclodir da assim chamada *Teologia da Libertação* com toda sua força nos vários ambientes da Igreja. A catequese também respirou esses ares inovadores trazidos por essa corrente teológica. E o Pe. Ralfy esteve à frente do processo que precedeu a elaboração do documento *Catequese Renovada* (Documentos da CNBB nº 26, 1983). Embora tenha participado nos inícios da elaboração desse documento, no final do processo (1982-1983) ele se retirou, também por que estava mais dedicado à *Revista de Catequese*.

Durante seu período como assessor da CNBB, estava à frente da catequese D. Luciano Cabral Duarte, certamente por ser alguém entendido em educação, pertencendo, inclusive, ao Conselho Federal de Educação. Porém, o bispo de Aracaju, um dos representantes mais típicos da ala conservadora do episcopado, não estava à altura para conduzir o *Movimento Catequético Brasileiro* que, após os documentos de *Medellín* (1968), assumira uma linha tipicamente libertadora. D. Luciano Cabral é conhecido no Brasil como um dos mais ferrenhos combatentes da dimensão libertadora tanto da teologia como da pastoral. O mesmo não se pode dizer de seus dois assessores sucessivos: Pe. Juan Ruiz de Copegui, SJ (1971-1972) e Pe. Ralfy Mendes de Oliveira (1973-1977), ambos plenamente sintonizado com a renovação catequética.

Comungando com essa corrente teológica, no entanto Pe. Ralfy, como bom salesiano, manteve-se sempre muito equilibrado no manejo e influências de expressões mais exasperadas dessa teologia da libertação que sacudiu o América Latina e principalmente o Brasil.

De suas palestras e de seus escritos naquele período deduz-se aquela fidelidade dinâmica ao magistério da Igreja que procurava, conforme os tempos, ser avançado e ao mesmo tempo mantendo o necessário equilíbrio.

Representando a CNBB na área da Catequese, Pe. Ralfy teve

oportunidade também de participar de muitos encontros e reuniões em nível latino-americano em várias cidades da América Latina, sobretudo em Bogotá. Assim, ele representou o Brasil no Departamento de Catequese (DECAT) do CELAM desde seus inícios, mantendo amizades profundas com grandes figuras da catequese latino-americana, como o Pe. Roberto Viola, jesuíta uruguai, Pe. Alfredo Morin (canadense atuando na Colômbia), Dom Felipe Benites Avalos, arcebispo emérito de Assunção (Paraguai). Por indicação dele também eu comecei a participar desse DECAT substituindo-o desde 1981, nele permanecendo até 2007 (26 anos).

Mais tarde (1996-2000), Pe. Ralfy, já avançado em anos e considerado como um dos "patriarcas da catequese latino-americana", participou da Sociedade de Catequetas Latino-americanos (SCALA) como membro ativo, chegando a tomar parte em uma Assembléia em Santo Domingo, que tive a oportunidade de presidir. Não podendo depois participar como sócio pleno, passou a ser sócio emérito. Quando ele faleceu, imediatamente comuniquei a notícia aos Sócios de SCALA e vários deles me escreveram manifestando sua admiração e apreço pela obra que Pe. Ralfy havia realizado, com influências na América Latina.

Também nos anos 80-90 Pe. Ralfy, por quatro anos, participou do COINCAT (Conselho Internacional de Catequese) que assessorava a Congregação para o Clero, organismo na Cúria Romana que orienta a catequese em nível mundial. Nessa condição de representante do Vaticano na América Latina, ele participou oficialmente em nome da Congregação para o Clero, tanto da I Semana Latino-Americana realizada em 1982 em Quito (Equador) fazendo uma das palestras principais (*A comunidade catequizadora*), assim como da I Semana Brasileira de Catequese, realizada em Itaici de 12 a 18 de Outubro de 1986. Uma de suas últimas atividades em nível internacional foi a participação em Roma de um Congresso Internacional de Catequese por ocasião do lançamento do *Diretório Nacional de Catequese* em outubro de 1997.

Além desses organismos internacionais Pe. Ralfy participou ativamente do GRECAT (Grupo de Reflexão Nacional de

Catequese) da CNBB desde sua fundação em 1983. No início de cada reunião nacional desse grupo, os participantes faziam o relato de suas últimas atividades mais importantes na catequese. Era impressionante ouvir o Pe. Ralfy falar de seu trabalho desde grupos paroquiais e chegar até atividades no Vaticano participando do COINCAT, passando por instâncias estaduais, regionais, nacionais e internacionais...

Uma contribuição importante do Pe. Ralfy foi seu trabalho na preparação do Sínodo dos Bispos de 1977. Nos anos anteriores os vários episcopados deveriam dar as próprias contribuições. Em nome da CNBB foi o Pe. Ralfy que, em vista desse Sínodo, coordenou o encontro da Presidência da CNBB e *Comissão Nacional de Pastoral* com seus assessores em 16-17 de Outubro de 1976 no Rio de Janeiro, com quase 70 participantes. Muitas outras reuniões importantes foram organizadas por ele antes e depois dessa data.

Como escritor, também foi grande a obra do Pe. Ralfy. Sua fecundidade se expressa principalmente em três obras: primeiramente no livro *Movimento Catequético no Brasil*<sup>1</sup>. Sendo ele próprio um dos grandes protagonistas do movimento catequético brasileiro nos anos 60-80, nesse livro ele se torna uma voz testemunhal de tudo o que ocorreu no Brasil nesses anos em termos de Catequese.

Em segundo lugar podemos citar a *Revista de Catequese* fundada por ele em 1977, com inúmeros artigos seus. Também ela começa a ser não só testemunho e repertório documental, mas também um dos bons instrumentos do *Movimento Catequético Brasileiro* para renovação da catequese. Esta publicação trimestral veio preencher, a partir de 1978, a falta de documentação que se fazia sentir no Brasil em termos de catequese. Estando em contato constante com toda a catequese brasileira, Pe. Ralfy percebeu que muita riqueza nesse setor se perdia por falta de uma publicação que recolhesse a numerosa produção catequética, principalmente em nível de reflexão e aprofundamento. Apoiado pela Inspetoria de São Paulo e pela Editora Salesiana Dom Bosco, no bairro da

---

<sup>1</sup> Publicado pela Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo 1980, 198 pp

Mooca (SP) ele teve a iniciativa de dar início a essa *Revista de Catequese*, que dirigiu como editor e redator de 1977 até fins de 1989 (nº 48) e posteriormente colaborou com muitos artigos até 2002. Seu último artigo foi dentro das comemorações do nº 100 dessa *Revista* por ele fundada. Ao todo foram 37 artigos publicados somente nessa *Revista de Catequese* certamente um de seus maiores colaboradores. Tendo recebido dele essa *Revista* como herança hoje continuo a ser seu editor e redator, agora dentro das estruturas acadêmicas do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), atingindo já 31 anos de publicação ininterrupta, com 123 números publicados ininterruptamente. É a grande herança que a catequese no Brasil recebeu do Pe. Ralfy. Em seus próximos números certamente será publicada alguma matéria sobre o Pe. Ralfy, seu fundador e idealizador.

Por fim, sua terceira grande obra é o *Vocabulário de Pastoral Catequética*<sup>2</sup>, publicado quando já fazia parte do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa de Barbacena. Não se trata de um dicionário, mas como diz o título, um *vocabulário*, obra mais modesta, porém ágil e prática, direcionada aos catequistas de base. Na introdução ele afirma que essa obra vem responder ao novo “conceito que hoje se tem de catequese, que deixou de ser apenas ensino de verdades religiosas para tornar-se educação da fé, revestindo-se, ao mesmo tempo, de todas as conotações de uma autêntica atividade pastoral, voltada não só para crianças mas para pessoas de todas as idades”. Nessas palavras estão resumidas algumas das idéias que o Pe. Ralfy defendeu por quase 40 anos e pelas quais lutou ardorosamente. Esse *vocabulário* além dos termos muito específicos da catequese, apresenta também um rico repertório de conceitos ligados à dimensão orante e celebrativa (liturgia); de fato, Pe. Ralfy já nos anos 90 estava plenamente convicto de uma verdade que somente agora, em pleno século XXI, vai tomado corpo, ou seja: a íntima relação que há entre Liturgia como celebração da Fé e Catequese como educação da Fé (Cf. *Diretório Nacional de Catequese* nº 115 a 122).

---

<sup>2</sup> Publicado pelas Edições Loyola. São Paulo: 1992, 200 pp.

Outras obras mereceriam ser citadas como a trilogia homilética: *O Evangelho em nossa vida: reflexões litúrgico-catquéticas sobre os Evangelhos dominicais* em 3 volumes (Anos A, B e C do ciclo litúrgico); *A catequese à luz do Sínodo* (em parceria com o Pe. Alberto Antoniazzi), a *Biografia do Pe. Francisco Gonçalves, Sons da terra, O Rosário dia a dia, Caminho da Cruz, caminho da Luz*. Também em parceria com muitos autores, publicou uma coleção de mais de 20 pequenos volumes, recolhendo os principais artigos da *Revista de Catequese* enquanto esteve sob sua direção.

São esses alguns dados sobre essa figura gigante da catequese no Brasil e na América Latina. Por sua presença e realizações o Pe. Ralfy deixou uma marca na história da educação da fé, sendo um dos grandes nomes do movimento catequético católico no século XX. Tendo se formado academicamente na área da Pedagogia em nosso *Ateneu Salesiano* (hoje Universidade Pontifícia Salesiana) orientou toda sua vida e atividades à educação da fé, conforme o estilo salesiano. Não se poderá futuramente falar da história da catequese em nosso país e continente, sem nomear esse filho de Dom Bosco que, fiel ao carisma salesiano, soube levar, por onde passou a renovação da atividade catequética tão exigida pela Igreja surgida do Concílio Vaticano II. (Até aqui o testemunho do Pe. Lima)

Com calma, discrição e muita competência, Padre Ralfy prestou impagável serviço à Igreja, num difícil tempo de transição, de mudanças e mesmo de rupturas. Entendia que era urgente uma renovação da catequese, mas não menos importante era uma catequese da renovação. Metódico e persistente, deu-se ao estudo e ao trabalho, sempre dentro da fidelidade salesiana.

### O SALESIANO

*Esta Sociedade nasceu de uma aula de catecismo, costumava dizer Dom Bosco aos seus salesianos. Sabemos bem que esta aula de catecismo é toda atividade salesiana orientada para a evangelização. A prática do Sistema Preventivo já é uma catequese.*

Formado na pedagogia salesiana, Padre Ralfy sabia bem disto. Entrando já com quase 20 anos para a congregação e com vocação bem definida, dedicou-se inteiramente à vida salesiana. Alunos seus dos tempos do Padre Francisco Gonçalves atestam seu espírito salesiano, sua animação e sua capacidade de trabalho. Aulas muito bem preparadas e dinâmicas, corais e atividades musicais tornavam a casa muito animada, apesar da pobreza de meios. Por onde passar em sua itinerância salesiana, fundará um coral de crianças ou de adultos. Quando o Brasil foi campeão em 1958, compôs uma marchinha que ocupou horários de transmissão em várias rádios de alcance nacional. Dava sempre um nome ao coro que organizava e não gostava que o chamassem *Coral do Padre Ralfy*. O de Barbacena chamava-se *Coral Pax*!

Convencido de que a disciplina religiosa é fonte de segurança, foi muito observante durante toda sua vida. Apesar de viajar muito e às vezes por longo tempo, jamais deixava de participar da vida de oração e das reuniões da comunidade. Sua participação foi sempre ativa e somava a favor do grupo. Não faltavam suas piadinhas e brincadeiras nos momentos oportunos. Conta o P. Jacy Cogo que certa ocasião precisou de um padre para uma das muitas missas de Barbacena. Procurou o Padre Ralfy que não deixou para depois: *desta vez eu vou, mas fique sabendo que eu não estou desempregado não!*

Durante grande parte de seus cinqüenta e oito anos de vida sacerdotal, foi encarregado da animação da Família Salesiana, sobretudo ex-alunos e cooperadores. Deixou marcas profundas em todos os grupos que animou.

Padre Ralfy foi insigne embaixador do Espírito Salesiano nas assembleias nacionais e internacionais de que participou. Unindo simplicidade e competência, soube indicar os caminhos a serem seguidos, em momentos obscuros. Tinha bem presente que o carisma salesiano é a juventude popular e que para ela deviam se voltar todas as preocupações. A ela ele dedicou todos os seus dons de natureza e de graça.

Longo tempo da vida do Padre Ralfy foi passado a serviço da CNBB e da Editora Dom Bosco de São Paulo. Sempre às voltas com a catequese. Muitos conviveram com ele em suas atividades fora e dentro da inspetoria São João Bosco. Um deles foi o Padre Wolfgang Gruen, nosso ilustre professor de catequética, que traça este tão verdadeiro quanto belo perfil do Padre Ralfy:

### **Pe. Ralfy**

Uma breve apreciação não dá conta sequer de tracejar uma vida intensa, profunda e longa como a do Pe. Ralfy. Foram 90 anos de juventude acumulada e bem vivida. Entre os que mais me impressionaram, limito-me a recordar alguns aspectos do Ralfy catequeta.

A lembrança global que guardo dele é, antes de tudo, de uma pessoa amiga, alegre, de fino humor, com boas piadinhas para contar – dessas que levam não a soltar gargalhadas, mas a sorrir e alegrar-se. Pessoa culta e estudiosa, prudente e discreta, centrada; e à raiz disso tudo, de profunda espiritualidade, que vinha à tona nos momentos mais comuns do dia-a-dia.

Falava e escrevia bem, sem esnobar sua notável erudição. Por vários anos, em momentos livres, dedicou-se à música – sempre a serviço de sua vocação de educador salesiano. Criou um grupo muito apreciado de meninos cantores. Suas composições, letra e música, eram melodiosas, de fácil aprendizagem, poéticas; de vez em quando, também com pitadas de humor. Quem não se lembra do hit “Agora todo mundo anda dizendo poraí”?

Acima de tudo, porém, o Pe. Ralfy será lembrado como catequista, catequeta, organizador e promotor da catequese. Grande parte de sua longa vida salesiana foi dedicada a isso. Aos 19 anos, seu primeiro contato com os salesianos foi no Colégio e Oratório do Colégio Santa Rosa, de Niterói, em 1936: era, sem dúvida, um prenúncio. Tinha gosto e jeito para lidar com a

meninada, com jovens e catequistas, com adultos; com todos, sem discriminação.

Da catequese seguiu para a catequética. Era um campo particularmente caro a D. Bosco, e que passou a despertar novo interesse entre nós nos anos '40, em plena época da Segunda Guerra. No Pós-noviciado de Lorena, SP, então chamado *Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia*, o Pe. José Noronha tinha começado, em 1943, um curso de Catequética, não bem no sentido que hoje damos à disciplina: era uma como análise teológica do querigma; para esse curso, publicou até um livro pequeno mas denso. O Pe. Noronha chegava a inibir os estudantes do primeiro ano, devido a seu método austero e exigente; mas seu entusiasmo pela disciplina foi um testemunho inesquecível. O Ralfy não chegou a cursar essa disciplina, pois naquele ano já estava terminando a Filosofia. Teve, sim, Catequética em seu 2º ano de teologia (*Instituto Pio XI*, Lapa, S. Paulo, 1948), sendo aprovado com a nota final 10. Lá, a Catequética era disciplina bem prática, sem problemas nem resistências.

Na Teologia, e nos primeiros anos de padre, foi marcado pela convivência com algumas figuras de salesianos extraordinários. Na Lapa, foram seus mestres e diretores Pe. João Rezende Costa, mais tarde estimado arcebispo de Belo Horizonte, e Pe. Antônio Barbosa, mais tarde zeloso Arcebispo de Campo Grande, MS. Recém-ordenado, foi escolhido para cursar Ciências da Educação no *Pontifício Ateneu Salesiano*, de Turim, onde o Pe. Carlos Leôncio da Silva estava, desde 1939, organizando o Instituto de Pedagogia que, mais tarde, em 1956, será o *Instituto Superior de Ciências da Educação*, o primeiro na Itália, e o primeiro a ser reconhecido oficialmente pela Igreja. Ralfy formou-se nesse ambiente, em que, por expressa vontade do 4º sucessor de Dom Bosco, Pe. Pedro Ricaldone, Pedagogia e Catequese, juntas, eram cultivadas com rigor científico, e divulgadas pela *Libreria della Dottrina Cristiana* (LDC ou Elledici) de Turim, grande centro catequético de pesquisa, ensino e irradiação, referência até hoje na Itália.

Qualificado dessa maneira, o Pe. Ralfy, de volta ao Brasil, passou a dedicar-se à Catequética com ardor e competência. Em 1955 começou a lecionar Catequética no Pós-noviciado (“Filosofia”) de São João Del-Rei, MG, desde o ano anterior funcionando na nova *Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras*. Adotou uma linha não mais teológica, ou seja, com ênfase na doutrina, e sim psicopedagógica, atenta às necessidades e potencialidades dos educandos, e abrindo horizontes com a História da Catequese; a parte teológica viria no curso de Teologia, em S. Paulo. Seguiu o plano da *Catequética* de Josef Andreas Jungmann – obra publicada na Alemanha em 1953, e logo traduzida para diversas línguas (a edição brasileira só viria em 1967). Tendo o Pe. Ralfy recebido outras incumbências, em 1959 assumiu a disciplina, naturalmente seguindo seus passos. Na época, a Catequética ocupava-se prioritária, mas não exclusivamente, do Ensino Religioso nas Escolas, havia séculos identificado com catequese. Mesmo assim, Jungmann, em apêndice, discorre sobre o querigma e a teologia da pregação – ou seja, sobre aspectos metodológicos da catequese com adultos. Será uma das preocupações do Pe. Ralfy: desde aquele tempo, e literalmente até ao fim da vida, dedicou-se com persistência à formação de catequistas. Para manter-se atualizado, tinha uma bem-provida biblioteca especializada.

Os anos '60 marcaram uma virada, em nossa vida política e na caminhada da Igreja. Foi também período de polarizações. O Pe. Ralfy aprofundou o Concílio Vaticano II, e empenhou-se em sua implementação. Recebeu com alegria a linha de Medellín e seus desdobramentos, inclusive a teologia da libertação. Mas não era de seu feitio tentar impor a recepção de modo afoito, militante. Não queimava etapas; antes, por índole e formação, emprenhava-se em consolidar as conquistas feitas e, desse modo, possibilitar novos passos. Não era homem de dividir; não criava inimizades. Sabia convencer sem polemizar. Por tudo isso, seus escritos eram bem aceitos por gregos e troianos. Basta consultar seu *Vocabulário da Pastoral Catequética*, de 1992: por seu equilíbrio, sensatez, profundidade e simplicidade, é retrato do autor. Como todo escrito,

é datado; hoje, há elementos novos que ele certamente colocaria; mas, o que ele escreveu continua válido. Também nesse sentido, vejo nele o homem certo na hora certa.

Pelos cursos que ministrava por toda parte, tornava-se cada vez mais conhecido e respeitado. Nos anos '70 intensifica-se sua projeção nacional e internacional, graças à *Revista de Catequese*, da qual foi fundador em 1977 e redator por muitos anos, e à sua participação em organismos e eventos, no Brasil e no Exterior. Sobre isso temos a bem-informada síntese do nosso dinâmico catequeta Dr. Pe. Luiz Alves de Lima, sucessor do Pe. Ralfy no zelo e em atividades ainda mais numerosas e de vasto alcance.

Não escondo um pesar que tenho: sua discrição privou-nos de dados que teriam alimentado nossa caminhada catequética por ainda um bom número de anos. Por ocasião de seu 90º aniversário, a direção da *Revista de Catequese* planejava publicar uma entrevista com o Pe. Ralfy: não tanto memórias pessoais, quanto sua visão de nosso cenário catequético, que ele tão bem conhecia, e sua visão de futuro. Entre as memórias, gostaríamos de saber se ele teve contatos com o Pe. Álvaro Negromonte. Infelizmente, por sua reserva, ele acabou não aceitando a entrevista, e nem me ocorreu tomar a iniciativa de, em outra ocasião, fazer-lhe algumas perguntas soltas. Só nos resta agradecer a Deus por esta vida maravilhosa com que Ele nos brindou!

Pe. Wolfgang Gruen, sdb  
Belo Horizonte, MG.  
26.08.2008.

Com seu jeito de ser, com seu zelo apostólico salesiano e com sua competência, Padre Ralfy levou o nome e o espírito salesianos às mais altas instâncias da Igreja, ultrapassando os limites da comunidade local e ao mesmo tempo fiel a ela, deixou seu legado perene de amor à sua vocação sacerdotal salesiana. Entregou-se inteiramente à sua missão. Dessa forma ele em

tempos difíceis, por tantas reviravoltas sócio-culturais, soube se posicionar como salesiano fiel ao assumir justamente os valores e as aberturas que lhe exigiram novas atitudes em relação a seu campo de trabalho, principalmente ao tentar expressar os passos necessários que a Igreja deveria assumir quanto à catequese. Soube dentro do espírito salesiano auxiliar como tal a Igreja do Brasil a se posicionar com novos conceitos e novas metodologias perante uma atividade muito importante pastoralmente.

Por outro lado sua vida religiosa marcou sua capacidade de ser fiel aos valores do espírito salesiano; sua atividade pastoral expressou seu amor a D. Bosco e conseguiu traduzir para os jovens das diversas etapas de sua vida a espiritualidade salesiana mediante uma metodologia típica, a arte. Foram assim que suas composições musicais agradaram e elevaram a vida como expressão do amor de Deus aos jovens. Porém a maior expressão salesiana de sua atividade pastoral onde quis que a vida juvenil fosse sempre realçada, foi a arte a serviço da alegria. Composições alegres, capazes de suscitar a beleza da vida alegre como expressão da graça de Deus ao lado de suas posturas pessoas de estar sempre alegre e comunicar a alegria da vida salesiana, são todas expressões que em vida traduziram sua grandeza de alma, de alma salesianamente devotada a Deus.

A grandeza do Pe. Ralfy, como religioso salesiano, ultrapassou as margens da congregação para estar a serviço da Igreja com uma competência especial, catequeta para o bem dos jovens. Sua competência no campo da catequese extrapolou os ambientes salesianos e atingiu a atividade pastoral de toda a Igreja no Brasil. Salesiano competente na vivência da espiritualidade salesiana e salesiano competente a serviço do povo de Deus no Brasil. Dignificou a memória de todos nós!

Os Ministros da Eucaristia da Capela de Nossa Senhora de Campos testemunham o caráter popular e sacerdotal de sua vida. Os grandes homens primam antes de tudo pela simplicidade. Assim escreveram: “Pe. Ralfy foi sempre muito humilde, como sempre ensinou, foi muito coerente e verdadeiro. Foi um sinal do amor de Deus para com todos os que se aproximaram dele ou que o ouviram em suas pregações ou em suas palestras. Mesmo no

*limite de suas forças atendia a todos e alegremente estava disponível para colaborar na formação intelectual, espiritual e ético-moral dos que conseguia se aproximar. Esteve presente na formação dos leigos, ministros e cooperadores, sobretudo na região do Lagos – Macaé. Destaca-se sua constante presença como confessor. Estava disponível para atender a todos tanto no confessionário como para outras conversas sobre teologia ou doutrina da Igreja. Além disso, atendia com carinho os pedidos de visita domiciliar para assistir aos doentes. Sua presença consoladora sempre levou conforto a todos das famílias que visitava. Simão foi o seu eterno companheiro de viagem para o atendimento das pessoas e testemunha que nessas viagens pôde constatar, pelas próprias palavras do Pe. Ralfy, a simplicidade, o trabalho e a beleza do coração generoso que lhe animava a vida unida a Deus. Onde fazia palestras, era aplaudidíssimo e sempre foi muito solicitado nesse trabalho. Imitou a D. Bosco: “colocou sua vida a serviço dos outros. Afinal foi um santo homem.”*

#### TALIS VITA, FINIS ITA

Pe. Ralfy viveu como um santo e como um anjo ele morreu. Sua morte se deu às 20 h e 30 minutos do dia 03 de março de 2008 no hospital Álvaro Alvim onde estava internado já a uma semana. Segundo o testemunho dos médicos e enfermeiros que o atenderam, sua morte foi marcada por muita serenidade e paz, como a brisa do Senhor que passa. Assim foram também os traços que marcaram a sua vida: serenidade, simplicidade e cordialidade.

Simples foi a sua vida e simples foi o seu sepultamento. Conforme o desejo de seus parentes, o corpo do Pe. Ralfy foi enterrado no jazigo de sua mãe e familiares na cidade de Comendador Venâncio, distrito de Itaperuna. Anteriormente já manifestara esse desejo. O velório ocorreu na Capela de Nossa Senhora Auxiliadora em Campos; houve concelebração em que também estiveram presentes vários amigos e sacerdotes

diocesanos. Depois o féretro foi levado para Comendador Venâncio e lá houve outra concelebração com maior presença dos parentes e amigos. O sepultamento foi simples e devoto, marcado pelo carinho e orações de seus parentes.

*Fraternalmente,*

*De. Carlos S. da Silva*

*Diretor*